

A REGIONALIZAÇÃO DO HIP HOP NO BRASIL SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA: HORIZONTALIDADES E VERTICALIDADES.

Renan Lélis
Mestrando em Geografia
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Brasil
renanlelis@ige.unicamp.br

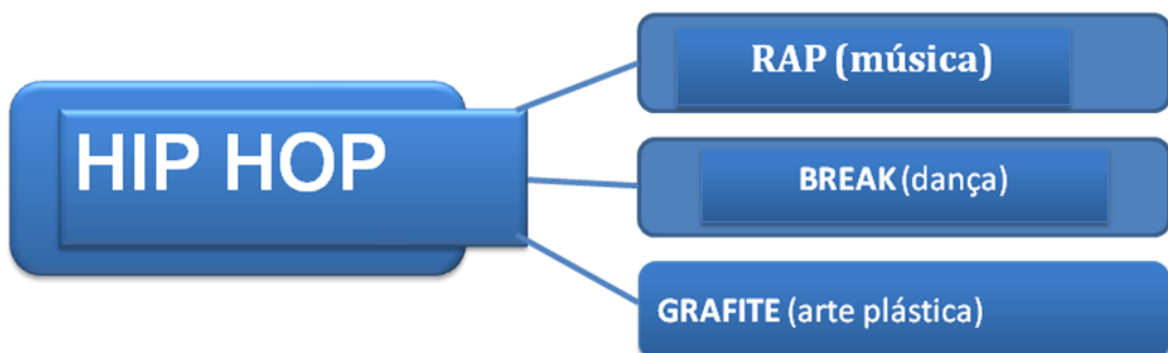
INTRODUÇÃO

O Hip Hop surgiu nos EUA no início da década de 1970, mais precisamente no Bronx, subúrbio de Nova Iorque, bairro pobre da cidade habitado quase que em sua maioria por negros e imigrantes (jamaicanos e latinos) que viviam assolados pela violência e pela exclusão social. Embora sua gênese esteja ligada à diversão e as festas de bairro sua característica mais marcante é a denúncia e a contestação, o caráter político e racial, influenciado não só pela situação precária da população local naquele momento, mas também por movimentos e líderes políticos anteriores, ícones da luta negra pelos direitos civis tais como, *Black Panthers*, *Black Power*, *Malcom-X* e *Martin Luther King*; (SUNEGA, 2002).

O *Hip Hop* é composto por quatro elementos básicos: *BREAK* (dança), *GRAFITE* (arte plástica), *DJ* (*Disck Jôquei*) e *MC* (Mestre de cerimônia), a junção desses dois últimos elementos forma o *RAP*, que nada mais é do que a música do Hip Hop.

Segue abaixo um breve fluxograma para demonstrar a composição do Hip Hop.

Fluxograma 1 – A composição do Hip Hop.



Elaborado pelo autor.

ANÁLISE E CONCLUSÃO

Neste trabalho nos ateremos mais especialmente ao Rap, pois sua difusão é mais ampla que a dança e o Grafite. Focaremos nosso texto no elemento musical, o Rap, que traz em suas composições a crítica social e a demonstração de regionalismo.

O Hip Hop chega ao Brasil no início da década de 1980, especificamente na cidade de São Paulo berço deste gênero musical no país. A partir de São Paulo o Rap logo se difundiu por todo território nacional, incorporando em cada região elementos próprios das personalidades regionais (OLIVEIRA, 2003).

Segundo Andrade (1996) no Brasil o Hip Hop define-se como um movimento que se traduz numa determinada forma de organização política, social e cultural da juventude negra.

“[os] jovens buscavam uma identificação com alguma manifestação cultural que não lhes seja imposta, ou seja, que tenha surgido no âmbito de sua comunidade e sirva de exemplo para aqueles que estão submetidos às mesmas condições e, conseqüentemente, coletivamente conquistarem uma “cidadania” que lhes teria sido negada. Assim, houve um crescimento do Hip Hop principalmente nas periferias das cidades do Estado de São Paulo.” (SUNEGA,2002, p.14).

A partir de São Paulo, o Hip Hop difunde-se rapidamente pelo território brasileiro, porém, consoante realidades extremamente diversas segundo as regiões brasileiras.

Segundo Correa (1997, p. 183) a região “..é um *conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado também por todos os cientistas sociais quando incorporam em suas pesquisa a dimensão espacial*”. Ainda segundo este autor a região é uma mediação entre o universal (caracterizado por processos gerais advindos da globalização) e o singular (caracterizado pela especificação máxima do universal).

A necessária operacionalização do conceito nos leva a entender a região como um espaço onde se concretizam os nexos entre *horizontalidades e verticalidades* (SANTOS, 2002). Para Santos (2003) a horizontalidade é “...o

produto da presença ativa dos homens juntos que são sempre condutores de emoção. E a emoção é a força da desobediência às ordens pragmáticas e, por conseguinte, a única forma de casarmos com o futuro". Por sua vez, as verticalidades são definidas como a união entre pontos não contíguos no território.

Santos (2003) assevera que a horizontalidade vai reconstruir a identidade dos lugares. Poder-se-ia conjeturar que no mundo da velocidade, no mundo onde a solidariedade regional deixa de ser orgânica e passa a ser organizacional, a identidade regional estaria com seus dias contados. No entanto, persiste a existência da horizontalidade, que é a solidariedade compulsória do trabalho e do capital, mas também é uma solidariedade desejada, pois existe entre os mais pobres que fazem uso do Hip Hop. Esta solidariedade doméstica é construída lentamente e por isso atribui novos valores e papéis aos lugares e regiões.

Os problemas sociais relatados nas letras do Rap não estão restritos apenas as periferias das grandes metrópoles. As mazelas sociais que servem de matéria-prima para a confecção das letras do Rap se fazem presentes em todo o território nacional e cada região tem suas particularidades tanto em relação às reclamações quanto às variações lingüísticas e rítmicas, muito embora este segmento seja, em grande parte, influenciado pelo Rap norte-americano (as verticalidades do mundo da globalização se fazem presentes nos lugares).

No Brasil podemos ilustrar como exemplo o Rap feito na Região Nordeste, que declama suas letras sob batidas de "tambor de crioula" (ritmo local), como é o caso do grupo "Clã Nordestino", oriundo do estado do Maranhão. Outro exemplo é o *rapper* cearense "Rapadura" que mistura Rap com repente e forró, trazendo em suas letras citações do folclore regional e seus personagens. Nomes como o do líder religioso Padre Cícero ("Padim Cisso") e do "Rei do Cangaço" Lampião são sempre mencionados, bem como outros elementos e vocabulários da cultura local que compõe a realidade dos estados que compõe essa região brasileira, como podemos ver na canção "*É doce, mas não é mole*":

*“Sou nordestino, sou mininu cantador
sou cordelista, repentista embolador
sou cangaceiro, sou vaqueiro aboiador
eu sou da palhoça, sou da roça com muito amor*

*eu vim lá de Lagoa Seca pra cantar
o que eu tenho é o doce de engenho pra encantar
se sou matuto e diferente aprenda a respeitar
oxe, oxente, arriégua, inté morrer vou falar”.*

(Rapadura, Fita embolada do Engenho, 2010)

Santos (2003, p.58) lembra que *“a ação dos homens está sempre ditada pelas características dos lugares, pelas formas que os lugares têm”*. Assim temos também o Rap gaúcho, feito no estado do Rio Grande do Sul, que utiliza trechos de músicas galdérias, como as *Trovas* e as *Milongas*, muito comuns não só no Brasil, mas em todo sul da América do Sul. Elementos marcantes da história e da paisagem regional também são citados, o chimarrão (bebida típica), os pampas, a Revolução Farroupilha, dentre outros que podem ser vistos na letra abaixo do grupo Trovadores RS¹:

*“ (...) É aí que começa nossa história “china véia”
povo crioulo “ginetiando” a tua idéia
Tradição de mão em mão, geração, geração
cuia, erva, chimarrão
abre a porteira boleia, falo de tudo que nos rodeia
história raiz quem disse que não ama sua terra me diz?
maloqueiro a galope pelos pampas
minha voz minha prenda minhas crenças*

*diferenças eu guardo na guaiaca
gente pequena, gente ruim, gente fraca
do extremo sul Trovadores RS
a favela é nossa cara com respeito a quem merece
é o sangue aqui dos pampas atitude prevalece
prepare a erva comece a pensar pois a peleia vai continuar”*

(Trovadores RS, Peleia, 2004).

¹ RS é a sigla para Rio Grande do Sul, estado brasileiro que fica no extremo sul do país e faz fronteira com países platinos tais como Uruguai e Argentina, além de ter uma colonização peculiar um tanto quanto diferenciada dos outros estados brasileiros.

A música Rap também está presente na Região Norte do Brasil, fazendo referências a uma realidade imensamente marcada pela presença da floresta Amazônica. Produzida nas grandes capitais, como Belém, Manaus e Porto Velho, o Rap desta região resgata elementos do folclore local e também reclama problemas típicos daquela região, sobretudo aqueles atrelados à destruição da floresta pela exploração econômica e a dificuldade de sobrevivência dos povos ribeirinhos. Um exemplo é o *Movimento Hip Hop da Floresta* (MHF) que se denomina como uma representação cultural, contracultural, social e política orientada para a construção de uma sociedade socialista e ecologicamente correta.

Em São Paulo verificamos que o Rap está mais próximo daquele praticado nos EUA, pois as letras e as músicas paulistas têm menos caracteres regionais, ostentando mais símbolos da grande metrópole, sobretudo o automóvel. Sem dúvida, essa leitura regional do território brasileiro pode ser realizada a partir dos conceitos de “espaços luminosos” e “espaços opacos” (Santos & Silveira, 2001). Ou seja, São Paulo é um espaço luminoso e por essa razão acolhe com mais vigor os vetores da globalização, enquanto que outras regiões interpretam o mundo a partir de outras racionalidades, no entanto, é reconhecido o fato de que outras regiões do país, de certa forma, tentam copiar aquilo que o Rap paulista faz, ou seja, São Paulo acaba por ser um “relé” da difusão do Rap no Brasil.

Fora do Brasil podemos citar outros exemplos do diálogo entre o global e o local, tais como o Rap produzido em Cuba e em outros países da América Latina, que trazem elementos da cultura e da música caribenha, assim como também o Rap francês que traz elementos africanos dos imigrantes que vivem naquele país.

Para Souza (1976, p.91), “a difusão da informação, dos objetos, da exploração e da degradação do meio ambiente interfere nas identidades e dissemina as singularidades, indefinidamente, conectando lugares, por vezes, não contíguos.” Assim, a música Rap, serve como instrumento de conexão entre lugares, permitindo a troca de informações e saberes.

Nossa proposta é entender como a música Rap mesmo tendo uma linguagem universal, assume características regionais distintas, sendo que ela

tem se utilizado cada vez mais dessa diversidade regional para criar sinergias capazes de projetar e de fazer ouvir suas reclamações.

Baseado nas afirmações de Silveira (2003, p.410): *“...a história é movimento permanente, e a região é, ao mesmo tempo, receptáculo de eventos do mundo e produtora, também a partir do que já existe, da história concreta. Criam-se e recriam-se formas materiais e sociais. Daí a necessidade de captar não apenas as formas mas também a vida que nelas se desenvolve. A cada novidade da história, a extensão e os limites do fenômeno regional mudam”*. Correa (1997, p.193) afirma que além da própria realidade demandar o conceito de região, ela constitui a mais importante via geográfica para se introduzir na geografia a relevante e difícil categoria que é a “particularidade”. Compreender o particular seria, portanto, tarefa essencial aos geógrafos.

A particularidade, tal qual propõe Correa (1997), serve de orientação de método para colocar o Rap como uma manifestação que pode ser pesquisada para, por meio dela, se entender a atual configuração regional brasileira.

Partimos do pressuposto de que o objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, sinônimo de território usado. Destarte, o território usado *“constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes”* (BERNARDES, 2000, p.2). De acordo com SANTOS (1996), o espaço geográfico seria um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, sendo o território, a região, o lugar e a paisagem concreções do espaço geográfico. Por isso, um esforço de método é levar em consideração a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade existente e o seu uso, que inclui o dinamismo da ação humana, ou seja, o trabalho e a política. Este artigo é uma tentativa de compreender como os fenômenos vinculados ao Hip Hop, especialmente a música Rap, são atravessados pela problemática regional.

Lencioni (1999, p.178), escreve que: *“Nos dias atuais, a realidade aparece, cada vez mais, como sendo homogênea e indistinta, fazendo com que as diferenças pareçam anuladas. Dada essa aparência, a região parece se diluir imersa no homogêneo. Contudo, trata-se apenas de uma aparência, pois nas fissuras de homogeneidade emergem as diferenças cujo exemplo mais agudo são os regionalismos que surgem como força política”*. Deste modo, embora os vetores verticais da globalização transmitam a idéia de alisamento

regional e local, o estudo da temática referente ao Hip Hop indica recriações com forte cunho regional, fenômeno especialmente verificado nas letras de Rap.

Pretendemos compreender como o *Hip Hop*, que abrange um grande contingente de jovens, tem profundas ligações com a região, ou seja, como esta *horizontalidade* (Santos, 2002) é utilizada como ferramenta de construção de solidariedades, cujos eventos traduzem a busca por uma interpretação do mundo que embora não ignore as influências hegemônicas, traz novos elementos para a construção e entendimento do fato regional. Segundo Santos (2002, p.144), “...se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo”. O Hip Hop é um evento que se geografiza nos lugares, nas regiões.

Por sua vez, Silveira (2003, p.415) afirma que “hoje, mais do que em épocas anteriores, existe a necessidade de entender o significado do período em cada região, as transformações, o uso atual do território, para que as regiões possam ser, de um lado, interlocutoras mas, de outro lado e sobretudo, produtoras de condições aptas para o trabalho e a vida da população nos lugares. Por isso, na questão da participação das regiões na partilha de um poder mais amplo, o papel da geografia poderá vir a ser fundamental”.

Pensando nisso, entendemos o Hip Hop como um evento que, ao transformar o mundo, se transforma, na medida em que se apropria de características e questões universais e regionais. Conforme Santos (2002, p.146), os “...eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali onde estão, novas características”. Ou como quer Massey (2000:185): “É um sentido do lugar, um entendimento de ‘seu caráter’, que só pode ser construído por meio da ligação desse lugar com outros lugares. (...) Parece-me que precisamos de um sentido global do local, de uma consciência global do lugar.”

Dessa forma, entendemos o Hip Hop como um evento que se geografiza nos lugares, nas regiões. A difusão mundial do evento Hip Hop assume em cada região uma feição própria, particular, por isso em cada região criam-se

sinergias singulares. Para Santos (2002) uma das razões da diferenciação entre os lugares vem do fato de eles serem diversamente alcançados, qualitativa e quantitativamente, pelos tempos do mundo.

De fato o Hip Hop influenciou um amplo estrato da população, sobretudo jovem, e o Rap, como um de seus elementos, carece de melhor entendimento geográfico. Carregado de regionalismos, o Rap vem se utilizando também da representação política para fazer suas reivindicações, entre elas, o direito à cidadania. Neste sentido, é visto como fio condutor e canal de ativismo político de uma parte da sociedade, elemento que unifica, através do seu discurso, os problemas enfrentados nas regiões brasileiras, mas que também ressalta as particularidades de cada região, carregado de motivações globais (*verticalidades*), refletindo reclamos regionais (*horizontalidades*); muitas vezes sendo mais legítimo que a sua própria representação política.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Elaine Nunes. *O movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre os rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Departamento de metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de educação - USP. São Paulo-SP, 1996.

BERNARDES, A. M., et all. *Um manifesto: o papel ativo da Geografia*. In XII Encontro nacional de Geógrafos, Florianópolis, SC, 2000.

CORREA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Interações Espaciais*. in: CASTRO I. E. de.,

GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. (org.) *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo-SP: Hucitec, 1980.

LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

MARKUSEN, A. “*Região e regionalismo*”. Revista Espaço e debates. I (2), São Paulo: Cortez, 1981.

MASSEY, Doreen. *Um sentido Global do Lugar*. In O Espaço da Diferença. Antonio A. Arantes (org.) Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Mauro Sergio de. *Rap: ocupando a periferia com atitude*. Monografia apresentada no curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo USP, 2003.

RAPADURA. *É doce, mas não é mole*. Fita embolada do Engenho, 2010.

RIBEIRO, A. C. T. Faces ativas do urbano: mutações num contexto de imobilismo. In Ribeiro, A. C. T. (org.) Repensando a experiência urbana da América Latina: questões, conceitos e valores. Buenos Aires: Clacso, 2000, p. 235-250.

SANTOS, Milton. *O território e o Saber Local: algumas categorias de análise*. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 2, 1999, p.15-26

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. *Região: globalização e identidade*, In LIMA, L. C. (org.), *Conhecimento e Reconhecimento*. Fortaleza: EDUECE, 2003.

SANTOS, Milton. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Edusp, 2003 (1979).

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L., O Brasil. Território e sociedade no início do séc. XXI. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas-SP, Departamento de Ciências Sociais IFCH-Unicamp. Campinas, 1998.

SILVEIRA, M. L. *A região e a invenção da viabilidade do território*. In Souza, M. A. de (org.) Território brasileiro: usos e abusos. Campinas, Edições Territorial, 2003.

SOUZA, M. A. A. de, (1976), *Regionalização: tema geográfico e político – o caso paulista*, in *Boletim Paulista de Geografia*, nº 50, p. 103-133.

VAINER, C. (2002) *As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?*, In *Planejamento e Território: ensaios sobre a desigualdade*, Cadernos IPPUR/UFRJ, Ano XV , nº. 2, ago-dez 2001, Ano XVI, nº. 1, jan-jul.

SUNEGA, Fernanda Alves. *Mano, falta em você razão para viver: o movimento hip hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior desse grupo juvenil*. Monografia de conclusão de curso – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia IFCH-Unicamp. Campinas-SP, 2002.

TROVADORES RS. Peleia, 2004.